

Em destaque...

## Manuel António Pina: defeitos de pronúncia

Há seguramente muitas formas de aceder à obra de Manuel António Pina, mas para percebermos a sua grande importância enquanto reflexão sobre a linguagem talvez se pudesse começar por uma lição de morfologia, tal como ela surge em *O Inventão* (1987), na boca da personagem Ping Pong: «Chalo finês e vendo bravatas / na inventória do Inventão. / Sou um toca trintas, um tapralhão: / ossos do vício dos esgravatas. // Fiz excelentes ócios da China / com chinesices, fragatas finas. / Mas hoje quem no Celério Impeste / gravatas veste na praça as preste». Ping Pong poderia ser irmão daquele menino que, no *Têpluquê* (1976), em virtude de um defeito de pronúncia, trocava «o tê pelo quê. Trocava o têpluquê». O ponto crítico desta pedagogia reside obviamente na dificuldade de decidir se o que está em causa é um defeito ou uma mais-valia de «pronúncia», já que as palavras de Ping Pong, como as de *Têpluquê*, atropelam a sequência sintática, entaramelam («encaramelam») a língua – que aqui, antes de ser uma distribuição de sons é um órgão fisiológico, ou melhor, é uma sequência de sons redistribuída por um órgão defeituoso.

Evitemos correr já para uma definição conclusiva do tipo «E não é esta uma boa definição de literatura?», e fiquemos-nos pela gramática do problema. Em rigor, a gramática não é aqui apenas uma questão de distribuição sequencial de unidades; ou, se se preferir, não é apenas uma demonstração de que na língua tudo resulta de um jogo de diferenças no qual, como se aprende em Saussure, o significante vem primeiro. Porque a redistribuição da matéria sonora não produz apenas um efeito de crise do sentido, como poderíamos concluir numa análise puramente «horizontal» do texto. Na verdade, esta redistribuição opera também verticalmente, apelando à nossa (sub)consciência do funcionamento da língua enquanto «paradigma»: gravatas podem ser agora *bravatas*, e isso parece estar estranhamente certo, desde logo em boa teoria linguística (os linguistas de Praga chamariam a isto um «par mínimo»); mas *bravatas* podem rimar com *esgravatas*, e aqui a invenção morfológica, ativada pela rima (uma espécie de imperativo da literatura *infantil*), remete antes para um universo animal motivado também pela proximidade, no verso, de «ossos». A redistribuição que opera no plano dos sons reforça pois a «rede» semântica, que se desdobra em possibilidades associativas, sugerindo que afinal a mais-valia da linguagem só se manifesta quando a fazemos funcionar com a liberdade livre de quem joga.

Como é evidente, estas palavras de Ping Pong, tal como as de *Têpluquê*, colocam um problema a uma pedagogia da gramática enquanto «correção linguística». Desde logo porque uma pedagogia da língua deveria começar por ser uma pedagogia das possibilidades lúdicas do idioma. E isso passa sempre, em Manuel António Pina, por uma desmontagem das evidências do mundo e da linguagem. Por exemplo, e sem sair do caso que tenho vindo a explorar, o que são *defeitos de pronúncia*? O que aprendemos quando o contrato linguístico é desnaturalizado? E, em sede de sala de aula, o que são erros

gramaticais? Porque, como qualquer professor sabe, embora a *episteme* linguística seja cética em relação à noção de erro, a *doxa* gramatical, para não referir a didática, impõe exercícios com solução correta ou incorreta. Este dilema é em rigor inevitável e o professor sabe que tem de o gerir pragmaticamente, fazendo com que as costas do estudante folguem enquanto o pau da gramática sobe ou desce.

A qualidade da obra de Manuel António Pina reside na forma inteligentemente crítica como coloca estas questões *in actu*, na própria materialidade dos seus textos. O espectro da questão vai aliás em Pina da gramática da língua à gramática da narrativa, como sucede na obra maior *Histórias que me contaste tu* (1999), na qual por meio da figura fascinante do «Escaravelho contador de histórias» se põe em causa não tanto a possibilidade de contar uma história – por exemplo, em «A extraordinária história em que não acontecia nada», «Uma história que começa pelo fim», etc. –, mas o sentido inútil de uma atividade que não bate certo com a impossibilidade de sentido que a vida a todo o instante nos ensina. Por isso, e por a obra de Pina funcionar num sistema de vasos comunicantes que torna imprecidentes os esforços para separar a poesia da literatura para crianças, podemos passar desse livro de 1999 para o poema «O que o discípulo escreveu» que, em *Nenhuma palavra e nenhuma lembrança*, também de 1999, nos dá o silêncio do mestre: «...se o discípulo pergunta e o mestre não responde, ou responde com alguma frase sem sentido (pois não há sentido)...». Ou podemos enfim passar ao último livro para crianças de todas as idades, *História do sábio fechado na sua biblioteca* (2009), no qual a história do sábio que tudo sabia parece fluir sem problemas mas apenas para concluir que só estamos vivos enquanto temos o dom do espanto e da surpresa, justamente aquilo que o sábio perdera há muito.

Que uma obra como esta, tão decisiva para pensarmos a linguagem, o sentido e o ensinável possa ser preterida em salas de aula por obras nas quais a segurança do sentido arrasta um radical desinvestimento na linguagem, reduzindo a questão do ensinável a uma mera gestão de meios didáticos, eis o que releva de uma errónea conceção do papel e finalidades do texto na aula de Português. Ou, o que dá no mesmo, de uma errónea conceção da criança e do adolescente como *seres impreparados* – seres que sofrem de *defeitos de pronúncia*. Nada mais ilusório, como se aprende lendo e relendo as palavras tão defeituosas de Manuel António Pina.

OSVALDO MANUEL SILVESTRE